

O “GUIA TURÍSTICO DA LISBOA DESCONHECIDA”

É claramente necessária uma explicação para o carácter imediatamente “disparatado” desta publicação que ofereço ao Museu da Aquarela, e essa explicação passa por narrar a situação que lhe deu origem.

Aconteceu que quando eu exerci o cargo de Consultor Artístico dos CTT tinha “ex-officio” uma natural e clara relação com o Serviço de Informação e Comunicação daquela Empresa Pública, relação tanto mais produtiva quanto além de próxima e funcional, assentava também numa grande camaradagem e confiança recíproca; e essa camaradagem manifestava-se por uma constante brincadeira e permanente fervilhar de ideias. Convém também dizer que este serviço podia contar com um excepcional grupo de funcionários, na sua maioria com formações nas áreas das Ciências da Comunicação, de Gestão e de Design, num ambiente de cultura e capacidade de realização que não creio que tenha sido possível voltar a encontrar-se nas variadas transformações e evoluções desta empresa neste sector – mas isso não é importante para este caso...

O princípio da história...

Em determinada ocasião, veio a notícia de que tinha sido roubado o automóvel de uma das responsáveis dentro do Serviço (a Dr^a Célia Metrass, à qual o automóvel fazia naquela altura uma grande falta profissional e familiar). Então, o grupo, com o intuito de animar e alegrar aquele seu elemento que passava por uma dificuldade resolveu unanimemente e divertidamente: “Vamos arranjar um carro para a Célia!...” e cada qual se comprometeu a trazer alguma coisa que tivesse algum valor de venda.

Voltando agora mais atrás no tempo em relação àquele voto entusiástico e jocosamente quixotesco, lembro-me de que tinha tido início uma série de acções que aparentemente nenhuma razão faria convergir no propósito de comprar um automóvel para uma colega – mas no entanto essa série convergiu - e passo a resumir essas acções e a suas intenções tão improváveis...

Numa qualquer ocasião esquecida, ao passar pela velha Casa Ferreira (o Ferreira das tintas) para comprar material de desenho técnico reparei que no balcão estava posto um cesto cheio de pastilhas e bisnagas de aquarela, meio secas, outras já um bocado oxidadas, algumas de marcas já pouco conhecidas mas outras das melhores marcas tradicionais, e estavam para serem vendidas por um preço ridículo porque o que o lojista queria era ver-se livre daqueles

monos que só ocupavam espaço. Bem faladinho, creio que até os daria de graça para não ter de os mandar para o lixo...

Um bocado levado talvez por hábitos familiares na relação com as tintas e materiais e no instintivo respeito pela sua nobreza própria, levei um grande pacote daqueles restos veneráveis, trouxe-o para casa mas esqueci-me dele nalgum canto. Esta série de acontecimentos desconexos teve nova oportunidade de recomeçar muito depois quando noutra ocasião, ao passar à tarde, casualmente, na Rua das Chagas, fiquei impressionado pelo maravilhoso jogo da luz do fim da tarde sobre a fachada da igreja. Um acaso conduziu a que eu tivesse acabado de ler um estudo sobre a arquitectura de Filippo Terzi em Portugal, e, associando ainda a imagem da modesta igreja das Chagas àquele momento, apeteceu-me voltar a pegar em pincéis, cores e água e ensaiar qualquer coisa sobre um cartão de aguarela. Aí, voltaram à vista as tais velhas pastilhas e bisnagas meias secas do cartucho da Casa Ferreira, muito a propósito porque se tinha passado muito tempo desde quando eu ainda tinha material decente para pintar os meus bonecos e ilustrações – a minha vida profissional já me tinha afastado daquelas “ferramentas”... Que exercício fazer com o cartão, as tintas, e os pincéis reencontrados? Simples! Fazer um “Terzi” privativo, caseiro, hipotético, irresponsável, inventado por mim, e completamente livre de compromissos históricos e arquitectónicos mas não menos capaz de ombrear com o que o italiano fez em S. Vicente de Fora. Esta espécie de “catarse” arquitectónica sofreu um sobressalto ao desenhar a perspectiva: de repente, por um impulso de humor, resolvi mudar a escala do hipotético monumento de tal modo que se tornou num edifício de dimensões heróicas e absurdas. Lisboa afundar-se ia certamente sob o peso daquele colosso!

Feito o exercício, o cartão ficou para ali, mais ou menos perdido no meio da crónica desarrumação do atelier. E aqui acaba esta série de acasos desconexos que, imprevisivelmente, iria convergir com a outra série já mencionada, que viria mais tarde.

A proposta disparatada:

Quando o grupo de amigos se reuniu para ver o que cada um poderia ter trazido para o “monte” de onde sairia o pretendido carro para a Célia, apresentei o que encontrei mais à mão no atelier que fosse eventualmente vendável com o argumento de que daria possivelmente para um farolim ou um “pisca”. Mas a troupe, olhando para aquilo depois de várias avaliações chegou à conclusão de que seria mais rentável vender não uma mas uma série de imagens daquelas – e eu que tratasse de as fazer, sendo a ideia fazer talvez

uma série de postais ilustrados. Depois de várias assembleias do grupo e sob a influência dos seus elementos mais aptos a dominar as técnicas de marketing, comunicação de massa e economia editorial, foi-se gerando algum consenso em torno da ideia de que o melhor seria até produzir uma série de estampas temáticas especificamente sobre Lisboa. (Note-se que entretanto o carro da Célia já tinha aparecido e já não havia necessidade desta operação de compensação – mas, olha!, já agora que se tinha começado aproveitavam-se as ideias e ia-se pensando já noutra escala editorial e ideias eram o que não faltava àquela troupe de pândegos!).

Todos estavam entusiasmados com o conceito da criação de situações absurdas, impossíveis e manifestamente provocatórias mas com uma aparência imediata de uma certa plausibilidade que obrigava as pessoas a um segundo olhar menos distraído para cada estampa. Não se fazia ideia, no entanto, de como seriam as reacções das pessoas não prevenidas nem como aceitariam entrar no “jogo” mental do confronto com o improvável arditosamente apresentado.

A realização do disparate:

Três elementos do Serviço (a Dr^a Isaura Matias, o Arq. Carlos M. Carvalho e a Dr^a C.Metrass) resolveram avançar para produzir uma publicação, mas com carácter profissional a sério. Tendo procurado editoras para o projecto que tinham em mente, encontraram sobretudo desconfiança em relação a tal projecto – e, vamos lá! compreendem-se bem as reticências das editoras perante este projecto bastante “farfely; quem é que sensatamente se iria meter nisso? Então decidiram criar eles mesmos uma empresa editorial, abalançaram-se a contrair um empréstimo bancário, escolheram uma gráfica que assegurasse uma boa qualidade e avançaram para produção, negociaram com distribuidoras e acabaram por produzir o album. O empreendimento não era tão louco ou irresponsável como pareceria à primeira vista, dado que este grupo dispunha de pessoas altamente experientes nos campos do marketing, da publicidade e do design gráfico, não tinha de pagar ordenados, direitos de autor, etc. e o próprio enquadramento interno no pessoal da empresa CTT dava um apoio algo “clubístico” à difusão da iniciativa.

A certa altura, já com grande parte do álbum e a capa produzidas as Doutoradas da editorial acharam que faltava quem fizesse um texto de apresentação capaz, e rejeitaram as capacidades dos scriptwriters da casa para uma coisa de tal responsabilidade, e entenderam que convinha um nome com projecção e sintonia com a intenção pouco convencional da obra, e sem avisar os outros encheram-se de ânimo e atreveram-se a pedir um textozinho à

Natália Correia, preparadas para alguma recusa seca. Mas escritora aceitou, achou divertido e ofereceu às atrevidas editoras o delicioso texto de apresentação que só por si é uma das coisas que valoriza o álbum... (mais tarde, enviei a Natália Correia uma aguarela ratona no mesmo registo absurdo do álbum, especialmente dedicado à sua faceta de poeta; era a rara sobrevivência de uma árvore já quase só tronco e raras folhas, mas que era segundo a tradição a verdadeira árvore onde estava o passarinho que inspirou Camões quando escreveu o admirável “*Estava o lascivo e doce passarinho com o biquinho as penas ordenando, etc...*”, e era evidentemente em Lisboa, ali para o lado de Chelas. Enfim. Ainda havia tempo e disposição para brincar com certas coisas...).

Depois o grupo organizou um lançamento do livro numa discoteca que havia então (o Whispers) e com projecção de slides das estampas, acompanhadas da leitura dos textos que acompanham cada uma, por ninguém menos que o Mário Viegas: as Doutoradas não iam deixar esta ocasião para alguém de segunda escolha! E os meus textozinhos lidos com fantástica interpretação por um “diseur” como o Mário Viegas pareciam realmente outra coisa!

A aventura acabou bem, apesar dos sustos próprios de empreendimentos destes; ao fim de algum tempo tudo estava praticamente vendido, as despesas pagas, o empréstimo saldado. Cada um dos aventureiros ficou com um certo número de exemplares para as famílias e amigos, fez-se o depósito legal da praxe, extinguiu-se a empresa editorial e a vida continuou para as diversas carreiras profissionais e pessoais, tendo-se mantido apenas a amizade e uma certa saudade de aqueles tempos que foram animados, ricos de criatividade e de afecto

Como foi o Álbum recebido pelo público:

Houve reacções e aproveitamentos variados, divertidos e alguns até inesperados:

- um professor Jesuíta da Fac. de Filosofia de Braga pediu autorização para usar na capa de um seu livro de História acerca de um Jesuíta do sec. XVII uma parte da capa deste álbum, justamente o “gag” que consiste em que no monumento a D. José no terreiro do Paço está o marquês de Pombal no lugar do rei, e a ironia é evidente...

- um colega meu, Arquitecto, dado ao cultivo do humor oblíquo, andou com a ideia fisgada de executar em termos técnicos reais o projecto do “Edifício Arte Nova do Largo Presidente Poincaré” levando assim o absurdo a um novo expoente...

- sei de uns patuscos, economistas, que se propuseram avaliar os custos de construção e a viabilidade de exploração do “Teleférico para o Seixal”!

Não faltaram depois ainda sugestões e propostas para encontrar outros temas “Turísticos” do jaez dos que se inventaram, mas a oportunidade e o impulso já tinham passado.

Houve no entanto um aspecto da difusão da publicação que, tendo um lado evidentemente bom teve por outro o de deixar uma certa frustração aos autores e editores do “Guia Turístico da Lisboa Desconhecida”, e foi o seguinte: a edição dos álbuns foi absorvida pelo mercado de forma inesperadamente rápida e isso foi óptimo para os aventureiros “editores”, mas não foi tão bom para o autor, que ficou um bocado triste quando se descobriu que uma percentagem enorme das vendas se destinou a serem as estampas retiradas das capas e separadas para serem vendidas emolduradas (e caras, ainda por cima!) pelas lojas de decoradores, papelarias, moldureiros, lojas de bric-a-brac e de brindes, etc.: – assim perdia-se a piada exactamente resultante da explicação com ar sério daqueles absurdos! Paciência! Mas foi pena...

Porquê agora enviar isto ao Museu da Aguarela?

Um certo choque resultante da falta de atenção à inexorável marcha do tempo com a consciência súbita de que passaram trinta e dois anos sobre aquela patusca operação editorial ao encontrar alguns exemplares ainda intactos do “Guia Turístico” - hoje praticamente transformado em raridade – ocorreu-me a ideia de que seria melhor que algum exemplar acabasse onde mais naturalmente possa ser conservado e consultado – e, desejavelmente, gozado!

Bem teria sido que os originais das ilustrações pudessem coexistir no Museu da Aguarela com as efectivas reproduções editadas, que seriam um bom elemento de estudo para as técnicas da ilustração a partir de as variadas expressões gráficas encontradas nas páginas do Album; não seria já possível, porém, porque logo que serviram, entre amigos, impressores e desconhecidos vários, os originais desapareceram para sempre e nunca foi possível encontrar-lhes o rasto...

J.P. R.G. Martins Barata

2014